

Bahia Hoje

Data 29/03/94

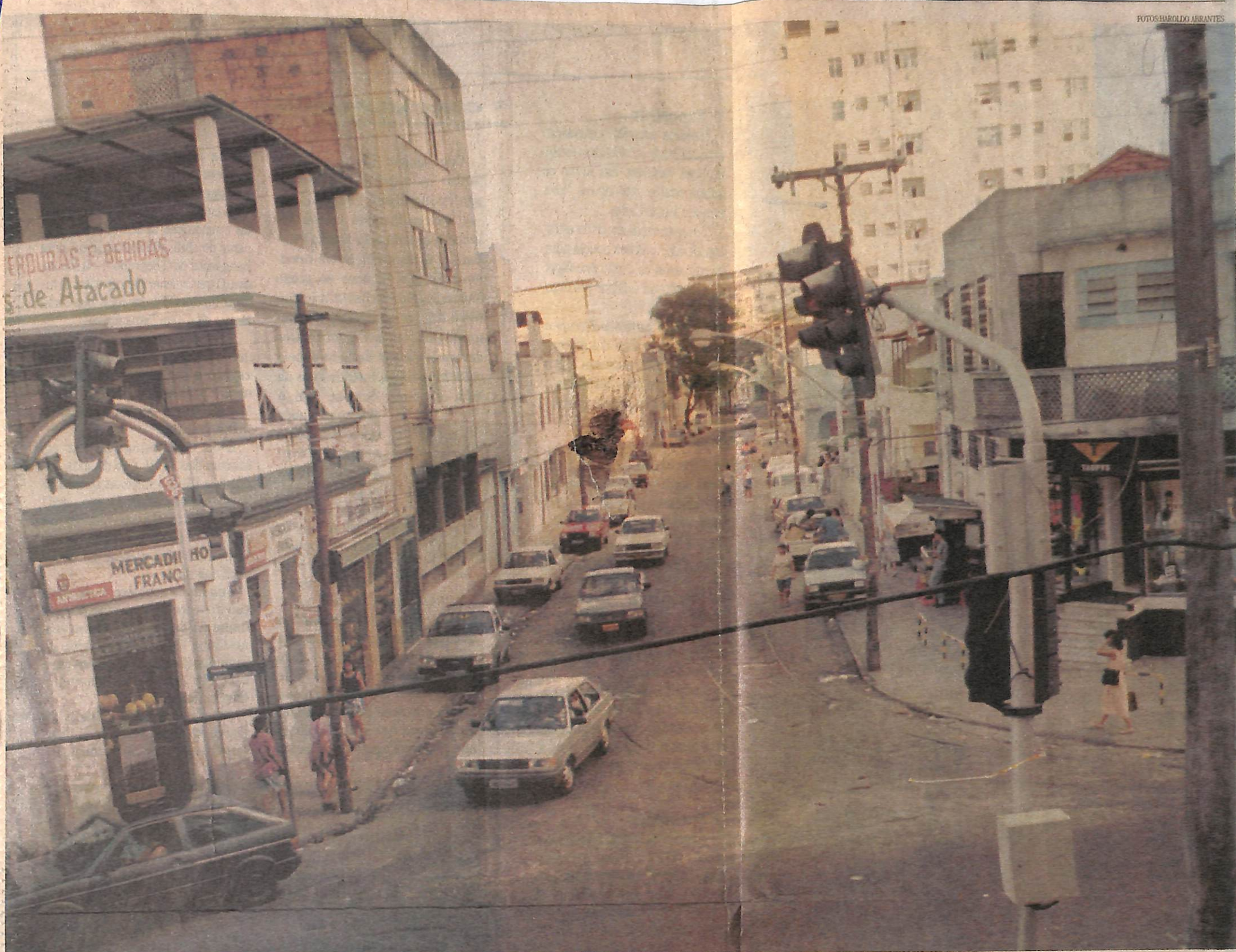
Caderno Página 01

Seção

Assunto Bairro

tororó

CIDADES DA BAHIA



FOTOS HAROLDO ABRANTES

A entrada do Tororó começa a descortinar a verdadeira caixinha de surpresas perdida no centro da cidade, celeiro de artistas famosos e de botecos tradicionais

■ TORORÓ

Um oásis no Centro

Ex-quartel-general dos jovens rebeldes dos anos 60, bairro hoje é uma autêntica ilha de tranquilidade

ANDRÉA NASCIMENTO ♦ REPÓRTER

No passado, quartel-general dos rebeldes de 60. Hoje, ilha de tranquilidade interiorana no fuzuê da Grande Salvador. Acrescente ao perfil o mérito de ser tema de cantiga de roda, celeiro de artistas famosos, paraíso dos botecos e um dos berços do Carnaval baiano. Tudo isso em um único corredor, que pode ser percorrido a pé. Essas referências e imagens pertencem ao Tororó, uma caixinha de surpresas perdida no centro da cidade.

Ocupado principalmente por casas e prédios baixos, o bairro lembra uma pacata cidadezinha do interior, onde toda vizinhança se conhece e o roubo de um rádio de carro é acontecimento para uma semana de fofalórios. No único módulo policial, os dois soldados da Polícia Militar passam o tempo batendo papo, sem muito o que fazer. A proximidade do Dique do Tororó e da arborizada Pupileira garantem o arejamento das casas do bairro. Um oásis no calorão da cidade.

Foi neste cenário aprazível que os mãos Caetano Velloso e Maria Bethânia passaram parte da adolescência. Morando em Salvador para estudar no Colégio Severino Vieira, eles ocupavam com os irmãos uma das casas da Rua Ismael Ribeiro. Outro morador famoso era Gilberto Gil que, mesmo depois de mudar do bairro, costumava tocar violão

Iara Bastos, 65 anos. Há 50 anos morando no Tororó, ela lembra com saudade dos tempos em que o bairro era uma eterna festa de largo. "Até para mudar uma lâmpada se fazia festa", lembra a poeta Marialice Mercês da Silva Freire, que está há cerca de 20 anos no Tororó. No Carnaval, quase todos os trios e cordões passavam pelo bairro e faziam escala na Praça Dodô e Osmar, que deve o nome à folia do Tororó. Não é a toa que de lá saíram nomes como Bel e Vadinho, da banda *Chiclete com Banana*, e uma leva de músicos carnavalescos.

Os moradores acabaram formando seus próprios cordões. Entre eles, o *Jacaré de Edgar*, o *Periquito*, o *Panela Vazia* (que existe até hoje) e o *Quebra Flandre*, formado por um animado grupo de caretas. Em 1969, chegaram os Apaches, o primeiro bloco de índios de Salvador, e três anos depois o bloco de percussão *Secos e Molhados*. "Antes eles desfilavam para gente, hoje nem ligam para a comunidade", reclama dona Iara.

A tradição carnavalesca praticamente morreu, mas a animação ainda faz parte do cotidiano. Além da programação de serestas e lavagens, o Tororó conta com a maior concentração de botecos por metro quadrado de Salvador. Pelo menos essa é a impressão de quem percorre o bairro, tropeçando a cada

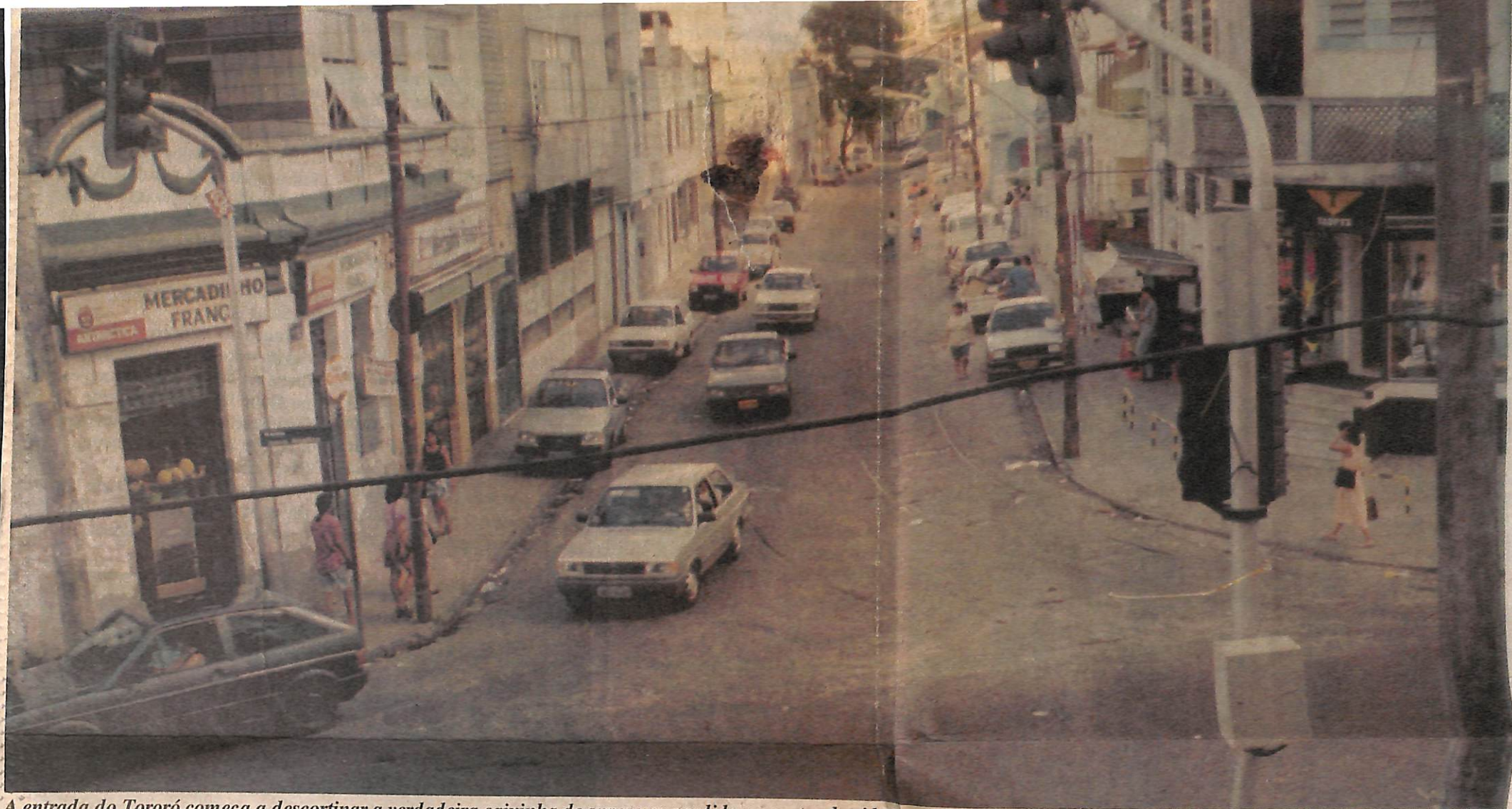


Bairro extrapolou a canção infantil

"Fui no Tororó beber água e não achei...". Esta cantiga está na ponta da língua de qualquer pessoa nascida e criada em Salvador. Mas hoje o bairro significa muito mais que uma simples canção infantil para as crianças de toda a Bahia. É lá que estão a Fundação da Criança e do Adolescente Trabalhador, a Casa de Apoio à Criança com Câncer e o Hospital Martagão Gesteira, instituição filantrópica reconhecida como a mais importante do estado no tratamento de doenças infantis.

Com 260 leitos, o Martagão oferece 17 especialidades em pediatria, incluindo tratamento para crianças com câncer. Também é o único hospital no estado a atender casos de queimados e urologia infantil e realizar cirurgias de lábio leporino. O mais importante: 90% do atendimento é gratuito, através do convênio com o SUS. Mas em função do pagamento defasado e insuficiente do Sistema Único, o hospital passa pela pior crise de sua história, com um déficit de US\$ 840 mil. Uma verba de R\$ 280 milhões liberada semana passada pelo Ministério da Saúde não resolveu a situação, mas deu novo fôlego ao Martagão.

Transferida para o Tororó há cerca de



A entrada do Tororó começa a descortinar a verdadeira caixinha de surpresas perdida no centro da cidade, celeiro de artistas famosos e de botecos tradicionais

I TORORÓ

Um oásis no Centro

Ex-quartel-general dos jovens rebeldes dos anos 60, bairro hoje é uma autêntica ilha de tranquilidade

ANDRÉA NASCIMENTO ♦ REPÓRTER

No passado, quartel-general dos rebeldes de 60. Hoje, ilha de tranquilidade interiorana no fuzuê da Grande Salvador. Acrescente ao perfil o mérito de ser tema de cantiga de roda, celeiro de artistas famosos, paraíso dos botecos e um dos berços do Carnaval baiano. Tudo isso em um único corredor, que pode ser percorrido a pé. Essas referências e imagens pertencem ao Tororó, uma caixinha de surpresas perdida no centro da cidade.

Ocupado principalmente por casas e prédios baixos, o bairro lembra uma pacata cidadezinha do interior, onde toda vizinhança se conhece e o roubo de um rádio de carro é acontecimento para uma semana de falatórios. No único módulo policial, os dois soldados da Polícia Militar passam o tempo batendo papo, sem muito o que fazer. A proximidade do Dique do Tororó e da arborizada Pupileira garantem o arejamento das casas do bairro. Um oásis no calorão da cidade.

Foi neste cenário aprazível que os irmãos Caetano Veloso e Maria Bethânia passaram parte da adolescência. Morando em Salvador para estudar no Colégio Severino Vieira, eles ocupavam com os irmãos uma das casas da Rua Ismael Ribeiro. Outro morador famoso era Gilberto Gil que, mesmo depois de mudar do bairro, costumava tocar violão na casa de Ana Clara, irmã mais velha da família Veloso. Gal Costa era outra frequentadora assídua. "Durante o exílio em Londres, Caetano falava do Tororó nos artigos que escrevia para o 'Pasquim'", conta a irmã Mabel Veloso, que hoje reside no bairro.

"As tias de Ronnie Von também moram aqui", ressalta entusiasmada

Iara Bastos, 65 anos. Há 50 anos morando no Tororó, ela lembra com saudade dos tempos em que o bairro era uma eterna festa de largo. "Até para mudar uma lâmpada se fazia festa", lembra a poeta Marialice Mercês da Silva Freire, que está há cerca de 20 anos no Tororó. No Carnaval, quase todos os trios e cordões passavam pelo bairro e faziam escala na Praça Dodô e Osmar, que deve o nome à folia do Tororó. Não é a toa que de lá saíram nomes como Bel e Vadinho, da banda *Chiclete com Banana*, e uma leva de músicos carnavalescos.

Os moradores acabaram formando seus próprios cordões. Entre eles, o *Jacarê de Edgar*, o *Periquito*, o *Panela Vazia* (que existe até hoje) e o *Quebra Flandre*, formado por um animado grupo de caretas. Em 1969, chegaram os Apaches, o primeiro bloco de Índios de Salvador, e três anos depois o bloco de percussão *Secos e Molhados*. "Antes eles desfilavam para gente, hoje nem ligam para a comunidade", reclama dona Iara.

A tradição carnavalesca praticamente morreu, mas a animação ainda faz parte do cotidiano. Além da programação de serestas e lavagens, o Tororó conta com a maior concentração de botecos por metro quadrado de Salvador. Pelo menos essa é a impressão de quem percorre o bairro, tropeçando a cada passo num daqueles barzinhos acanhados, onde a maior atração é o dominó, a roda-de-samba ou pagode e a *lourinha* gelada, "para afogar a garganta". "No fim de semana, vem gente do Garcia, Plataforma, Cajazeira, Castelo Branco e outros bairros para cá", conta Adilson Vieira, 37, dono do Caneco de Barro, um dos *points* do bairro.



Os sobrados e casarões dão a exata dimensão de um bairro naturalmente vocacionado para o acolhimento

Local já abrigou a contestação juvenil

Final dos anos 60. Uma leva de estudantes percorre o Centro da cidade em mais uma passeata contra a repressão militar. Na Rua Marujos do Brasil, no Tororó, são surpreendidos pela polícia, com seus cães e cassetetes. Acuados e de braços dados se preparam para o embate inevitável. É quando o inesperado acontece: quase todas as casas e prédios da rua abrem suas portas para os manifestantes, que fogem pela saída dos fundos. Possessos, os policiais atacam com bombas de gás lacrimogêneo. Mas já é tarde demais.

Cenas como esta frequentemente quebravam a tranquilidade interiorana

do Tororó, que nos conturbados anos 60/70 era antes de tudo um bairro político. Com cerca de 40 residências estudantis, o local era um dos maiores focos do movimento de universitários e secundaristas. "As manifestações sempre desembocavam aqui", conta a poeta Marialice Mercês da Silva Freire, membro de uma das famílias mais antigas do bairro.

Hoje, a agitação política que sacudia o Tororó e despertava a solidariedade dos moradores é uma lembrança quase esquecida. A maioria das repúblicas foi fechada. As que ficaram, reafirmam que a efervescência do movimento estudantil

é passada. Elas abrigam pacatos estudantes de municípios como Macaúbas, Ipirá, Baixa Grande, Pintada e Itabera. "Não conhecemos a história de mobilização estudantil do bairro", admite o presidente da residência de Macaúbas, José Firmino de Almeida.

A república mais antiga é o Centro Estudantil Padre Torrend, criado há 70 anos. De utilidade pública, ele abriga estudantes de várias partes do interior e não guarda semelhanças com o antigo quartel-general dos rebeldes de 60. Decadente e em situação precária, o centro espera que a Prefeitura cumpra a promessa de recuperar o imóvel, onde vivem dez estudantes.

Bairro extrapolou a canção infantil

"Fui no Tororó beber água e não achei...". Esta cantiga está na ponta da língua de qualquer pessoa nascida e criada em Salvador. Mas hoje o bairro significa muito mais que uma simples canção infantil para as crianças de toda a Bahia. É lá que estão a Fundação da Criança e do Adolescente Trabalhador, a Casa de Apoio à Criança com Câncer e o Hospital Martagão Gesteira, instituição filantrópica reconhecida como a mais importante do estado no tratamento de doenças infantis.

Com 260 leitos, o Martagão oferece 17 especialidades em pediatria, incluindo tratamento para crianças com câncer. Também é o único hospital no estado a atender casos de queimados e urologia infantil e realizar cirurgias de lábio leporino. O mais importante: 90% do atendimento é gratuito, através do convênio com o SUS. Mas em função do pagamento defasado e insuficiente do Sistema Único, o hospital passa pela pior crise de sua história, com um déficit de US\$ 840 mil. Uma verba de R\$ 280 milhões liberada semana passada pelo Ministério da Saúde não resolveu a situação, mas deu novo fôlego ao Martagão.

Transferida para o Tororó há cerca de um ano, a Casa de Apoio à Criança com Câncer abriga as crianças carentes que chegam do interior para tratamento em Salvador. São cerca de 300 pequenos hóspedes acompanhados de um responsável, que ajuda na arrumação da casa em mutirão. Todos dormem nos beliches dos oito quartos, comem três refeições por dia e contam com uma sala de recreação. Sem falar na ajuda de custo para as passagens e os medicamentos. Toda essa infra-estrutura é mantida por doações. "Aceitamos até um quilo de açúcar", diz a funcionária Josefa Silva.

Na Fundac, quem recebe ajuda são cerca de 100 menores trabalhadores. A maioria é do Terminal da Lapa, onde vendem picolés, fichas e outros artigos. Sem tempo para voltar para casa, eles almoçam e descansam na sede da fundação, mantida pelo governo estadual. Também têm assistência psicológica e são incentivados a estudar. Quem ainda não tem emprego é encaminhado para a Unidade de Mercado de Trabalho, que faz convênios com empresas e órgãos públicos.



Embora localizado fora do bairro, o famoso dique areja o bairro